

Residindo em hotéis

Living in hotels

Beatriz Zanchi¹

Relato sobre a residência em hotéis dentro do Projeto “Naqueles lugares de Santos”. Projeto realizado em sete cidades com invisibilidade turística do estado do Espírito Santo. Trata-se da experiência de residir em lugares públicos e não-lugares e a tentativa de transformar esses lugares em íntimos e privados, a partir dessa experiência a possível criação de afetividade com os lugares. O registro dessa experiência se dá em diversos meios: fotografia, escritos em diários, desenho, pintura e bordados.

Palavras-chave: Público, privado, não-lugares, cidades, hotéis.

Account of residence in hotels within the project "Naqueles lugares de Santos". Project carried out in seven cities with tourist invisibility of the state of Espírito Santo. This is the experience of living in public places and non-places and try to turn these places into intimate and private, from that experience the possible creation of affection with the places. The record of this experience occurs in various media: photography, writing in diaries, drawing, painting and embroidery.

Keywords: Public, private, non-places, cities, hotels.

¹ É artista visual, graduada em artes plásticas pela UFES (2013).

Durante o Projeto "Naqueles lugares de Santos" (2014-2015) me propus a residir durante uma semana em cada uma das sete cidades com nomes de Santos do estado do Espírito Santo são elas: São Roque do Canaã, São Gabriel da Palha, São Domingos do Norte, Barra de São Francisco, Divino de São Lourenço, São José do Calçado e São Miguel do Veado (atualmente Guaçuí).

Escolhi a principio esses lugares por seus nomes de Santos, afim de que me servissem de amuletos, por serem cidades que possuem invisibilidade turística e não tinham ligação com minhas experiências pessoais. Para que eu pudesse residir nas cidades escolhi quartos de hotéis localizados sempre no Centro das cidades, para que pudesse observar como a vida das pessoas e a cidade aconteciam dentro e através da janela do quarto de hotel.

O desejo de residir em hotéis iniciou-se com as possibilidade de transformar esse não-lugar em lugar, mesmo que por tempo determinado. Tornar esse espaço público em privado e íntimo, levando partes do meu ateliê (diário, tintas, câmera, telas, papéis entre outros materiais necessários para meus registros dessa experiência) que até então só estava na esfera do privado, dentro da minha casa - residência fixa - para outros lugares, sendo assim um ateliê flutuante que dependia do espaço quarto de hotel para estabelecer-se; além de levar pertences pessoais (roupas, produtos de higiene calçados, acessórios imagens de santos, terço, fotos), que reorganizavam esse espaço numa atmosfera intimista e que caracterizavam esse lugar como meu.

Ao chegar aos quartos de hotéis eu observava sua espacialidade e como eu iria adequar-me a essa organização, que foi imposta por alguém que também é desconhecido, como aquele lugar que piso e como iria recodifica-lo para que tivesse características de personalidade. Então, após fazer prévio reconhecimento desse lugar, escolhendo a cama, onde iria me deitar, como iria arrumar minhas roupas, minha mesa de trabalho, meus alimentos no frigobar, o que já tinha nos armários, onde ficava o banheiro, como era a vista da janela, o tamanho da janela, o número do quarto, os sons que eram possíveis de se ouvir daquele novo lugar, as cores da pintura da parede e dos lençóis, os temas dos quadros pendurados na parede. Todos esses detalhes eram novos símbolos do meu dicionário de imagens que me faziam criar registros dessas residências.

Em cada cidade a vivência do lugar através do quarto de hotel aconteceu de maneira diferente, as cidades possuíam características próprias, ordenamentos, trânsitos, temperaturas, moradores, culturas diferentes e eu tive que me adequar a elas para poder residir. As formas de registros que mais utilizei no Projeto foram: escritos, desenhos, pinturas e fotografia. Através da fotografia pude relatar acontecimentos corriqueiros dentro do ambiente do privado e das intimidades que ocorrem nessa atmosfera - como venho fazendo desde 2009 - porém, agora seria um registro autobiográfico dentro do espaço público, do espaço do outro e de transição. O maior desafio desse registro era a tentativa de não teatralizar e/ou manipular o comportamento e a cena dentro do hotel. O desejo era que o instantâneo fosse espontâneo, por isso muitas vezes deixei a câmera programada com cronômetro e disparador, para que evitasse criar poses e me pegasse desprevenida não como modelo que posa para a fotografia, mas a câmera como *voyeur* e companhia, o olhar de um outro que é invisível, um outro que é mecânico e programável. Logo, a tentativa de manipulação era inevitável. porque a partir do momento que direcionava o tripé da câmera para onde eu estava e a programava, o espontâneo havia sido crucificado.

Aqui faço um breve relato de como residi em cada cidade e quarto de hotel e deixo vestígios para além do que foi possível guardar em fotografia:

São Roque do Canaã: Residi no "Hotel e Bar Corona" - único hotel da cidade - quarto nº102, o melhor quarto por ter banheiro, hotel em reforma, não tinha wi-fi, janela pequena quase no teto, lençóis brancos com cheiros de outras pessoas, canários amarelos te visitam sempre pela manhã, o sino da Igreja Matriz toca de uma em uma hora entre as 07hs às 17hs, você sabe que amanheceu pelo cheiro do café e a porta do bar que sobe. Pelas manhãs eu caminhava pelas ruas, de tarde eu ficava no bar, sentada, conversando com as pessoas e ouvindo suas histórias, degustava picolés caseiros com receitas secretas da família Corona, sentia o cheiro da cachaça pura, não bebi, tive medo de ficar alcoolizada fora de casa e ser violentada. No quarto, à noite, eu fazia registros em diário e em fotografia, cantava e espantava insetos que perambulam a lâmpada. Na hora de ir embora ganhei uma imagem de São Roque dos donos do Hotel. Fui embora chorando, queria ficar naquela cidade pra sempre. Desejo realizado: escrevi a minha experiência em Canaã, o meu romance como Graça Aranha.



Figura 01. "Igreja luterana". Dimensões variadas. Fotografia digital. São Roque do Canaã/ES. 2014.

São Gabriel da Palha: quarto 110. Hotel nada familiar, verde neutro, recepção também. Hotel ao lado de um posto de gasolina, foi difícil sobreviver! Quarto verde, lençóis verdes... Tinha uma varanda pequena, um chuveiro que pingava água. De manhã eu caminhava pela cidade, de tarde eu me trancava no hotel, 38°C que pareciam 42°C, só me restava ficar no ar condicionado. Quando as nuvens escondiam o sol eu até andava, mas nesse horário era sempre preferível desenhar na sombra ou no quarto de hotel. Esse hotel ficava longe do Centro, geralmente, à noite, eu ficava no quarto e cozinhava na minha panela elétrica a minha janta. A sonoridade que ficou foram as carretas que transitavam dia e noite. Nessa cidade quase esqueci como era minha voz, as pessoas não gostavam muito de conversar. Em muitos momentos só tive minha imagem como companhia. Medo: quase sempre faltava energia elétrica à noite. Desejo: encontrar alguém que quisesse conversar.



Figura 02. “O lugar secreto”. Hotel São Gabriel. Dimensões variadas. Fotografia digital. São Gabriel da Palha/ES. 2015.

São Domingos do Norte: Cidade com apenas uma avenida. "Hotel Águia's". Subi cinco vãos de escadas com três malas, não foi fácil. Meu quarto tinha vista para o muro do cemitério, aonde eu ia quase todos os dias fotografar. Meu quarto tinha três camas, uma com lençol branco e duas azuis. Eu tinha medo da janela ficar aberta à noite, era bem baixa e perto da rua. Eu pouco fiquei dentro desse quarto, com exceção das manhãs que eu preparava o café da manhã ali mesmo, pois tinha preguiça de descer todas as escadas. Às 8 horas o ajudante da camareira batia na porta e se você não desse um pulo e dissesse que estava lá, ele abria a porta com tudo, sorte que ele nunca me pegou desprevenida. Depois de uns dias ele começou a me acordar melhor, porque descobriu que eu pintava retratos. Pendurei muitas fotos dos meus familiares e coisas que eu achava nas ruas na parede desse quarto, ele me era familiar e confortável. À tarde os canários vinham na janela.

Nesse hotel vivi coisas estranhas: fui guia turística de um lugar que eu estava descobrindo para três hóspedes chineses, tive uma intoxicação alimentar, pude cozinhar na cozinha do hotel, no domingo eu era a única hóspede e andei quase 5 km para poder almoçar, pois

nesse dia não iria haver almoço só pra mim. Na Igreja matriz o Padre estava de férias e eu não consegui trazer a imagem de São Domingos Gusmão, é uma imagem quase extinta. Todos os dias haviam procissões, as pessoas caminhavam em silêncio, rezavam segurando garrafinhas vazias a fim de que Deus mandasse chuva e eles pudessem voltar da caminhada com as garrafinhas cheias de água.



Figura 03. "Cama azul". Hotel Águia's. Dimensões variadas. Fotografia digital. São Domingos do Norte/ES. 2015.

Barra de São Francisco: em uma cidade que nunca chove, fui com a promessa de que seria a cidade mais quente, mas acho que levei chuva, pouca, mas levei. As pessoas passam o maior tempo sentadas na praça do Centro da cidade, geralmente são os idosos, e são muitos! O quarto do hotel era predominante branco, haviam duas camas de solteiro, uma rosa branca no criado mudo e acima da minha mesa uma reprodução do quadro de Renoir. A janela dava para uma parede de cimento. Foi o quarto que com o qual menos me identifiquei, pois possuía pouca entrada de luz e eu não gostava de ficar nele. Tão superficial! Sonhei com São Miguel Arcanjo e encontrei um cabide com o nome "Miguel" dentro do guarda-roupa". Com o que mais me identifiquei nesse lugar foram as pessoas e as paisagens.

O desejo: descer do ônibus, colocar uma cadeira na mata e olhar eternamente para aquela paisagem da mata e das montanhas tão grandiosas que me preenchiam em imensidão.



Figura 04. “Engraxar senhor?”. Dimensões variadas. Fotografia digital pnb. Barra de São Francisco /ES. 2015.

São Miguel do Veado (Guaçuí): Cheguei a Guaçuí apenas com a pretensão de residir no "Grande Hotel Minas Gerais", afim de conhecer a cidade de Divino de São Lourenço, pois nessa cidade não havia hotel no Centro e os ônibus que iam para São Lourenço passavam duas vezes ao dia, o acesso estava difícil por causa das estradas de barro que estavam encharcadas. Então decidi residir em Guaçuí e quando cheguei no hotel resolvi pesquisar sobre a cidade e descobri que sua antiga nomenclatura era um nome também de Santo: São Miguel do Veado. Por isso resolvi incluí-la dentro do Projeto.

Quando entrei no Hotel e no quarto que me foi reservado percebi elementos que me remeteram a minha casa de infância e criou-se uma familiaridade quase que instantânea e também a afetividade; as janelas venezianas grandes, o pé direito alto, o piso de madeira, o mobiliário de madeira antigo, o cheiro de terra úmida, o sotaque das pessoas, as praças, as crianças brincando, uma estação invisível, a linha de trem abandonada, as árvores, os bares e São Miguel no alto da torre me lembrou o sonho que eu havia tido antes de chegar em Guaçuí. Seria um sinal?



Figura 05. “Povoai toda cidade/ tempo da noite”. Grande Hotel Minas Gerais. Dimensões variadas. Fotografia. São Miguel do Veado - “Guaçuí” /ES. 2015



Figura 06. “Sem título”. Grande Hotel Minas Gerais. Dimensões variadas. Fotografia digital. São Miguel do Veado - “Guaçuí” /ES. 2015.

No quarto uma cama de casal e uma de solteiro, na janela eu podia me sentar e em pé nela, eu avistava um Cristo de braços abertos para nós, os pombos que habitavam no telhado do hotel e me assustavam a noite com aqueles barulhos estranhos que só os pombos fazem. As noites faziam muito frio, até dormi de meia calça e luvas, era outra realidade residir no Sul do estado. Pela manhã a paisagem era sempre branca de neblina e as ruas acordavam úmidas e frias. Cheguei na semana de quaresma e todos os Santos vestiam manto roxo e as pessoas se preparavam para a páscoa e faziam doces para presentear as crianças. À noite havia missas na Praça. De dia procissões para pedir chuva para o Espírito Santo. Depois de dois dias em Guaçuí fui de taxi á Divino de São Lourenço, apenas o taxista Ismael quis me levar até lá, pois os acessos á essa cidade estavam cheios de lama. Fiquei um tanto introspectiva, era como pegar carona com um estranho sozinha e não saber se ele estava me levando para o lugar certo. Eu olhava para cada casinha na mata, as pontes, a lama laranja, os cavalos e bois no pasto, as flores, e ia rezando para que aquele senhor fosse honesto e não me fizesse nenhum mal e nem caíssemos das pirambeiras. As paisagens me faziam ser menos só.



Figura 07. “Sem título”. Fotografia digital. Dimensões diversas. Divino de São Lourenço//ES. 2015.

Retornei para São Miguel do Veado, sã e salva! Muita grata a São Miguel e ao Sr. Ismael por terem me apresentado todos aqueles lugares. Liguei para minha mãe, contando estonteante e ela disse que eu não estava em sã consciência de sair com desconhecido. No outro dia me desafiei, subi sozinha o Morro do Cristo, o qual deve ter aproximadamente 700 metros de altitude, estradas que pareciam nunca ter fim, mas quando cheguei lá em cima, podia ver com os olhos daquela escultura e foi um dos lugares em que mais senti paz, passei algumas horas lá, meditando e observando a paisagem que me abraçava, um abraço muito maior do que os braços do Cristo de mármore.



Figura 08. “Sem título”. Fotografia digital. Dimensões diversas. São Miguel do Veado - “Guaçu” /ES. 2015.

No quinto dia fui à última cidade, que era vizinha, São José do Calçado. Diferente das outras cidades, o Centro dessa cidade ficava no alto, próximo a Igreja Matriz, não havia imagem de São José calçada para vender. Encontrei uma florista que me acolheu por algumas horas até dar o horário de ir embora, comprei dela uma planta com flores rosa que retornou comigo até Vila Velha e não morreu. São José é a cidade que conheci que tem características litorâneas, mas não tem mar. Plaquinhas e pisos portugueses adornam os muros e as casas.



Figura 09. “Zenilda; filha de Zeus”. Fotografia digital. Dimensões diversas. São Miguel do Veado - “Guaçu” e São José do Calçado. /ES. 2015.



Figura 10. “Sapatos de viajante”. Fotografia digital. Dimensões diversas. São José do Calçado. /ES. 2015.

Retornei pra cidade de São Miguel e fiquei mais os dois dias que restavam. No domingo fui à missa pela manhã e me despedi de São Miguel, como quem dá adeus para um breve retorno... Durante o resto do dia fiquei no hotel, me fotografei, querendo aproveitar todos os últimos dias daquele lugar, daquele hotel e quarto, do meu corpo naquele instante, era a última viagem do Projeto. Voltei para casa com a mala mais pesada dessa viagem.

Referências para o Projeto “Naqueles lugares de Santos”

AUGÉ, Marc. **Não Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Tradução de Maria Lúcia Pereira - São Paulo. 9^o ed. Campinas/SP: Papirus. 2012. p. 111.

CALLE, Sophie. **Histórias Reais.** Tradução de Hortencia Santos Lencastre - Rio de Janeiro. 1^o ed. Rio de Janeiro: Agir LTDA, 2002. p. 83.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** Tradução de Diogo Mainardi - Rio de Janeiro. 2^oed. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003. p. 158.

CANTON, Katia. **Espaço e lugar.** 1^oed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 69.

_____. **Tempo e memória.** 1^oed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 62.

COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea.** Tradução de Maria Silva M. Netto. 1^oed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 137 - 166.

FOSTER, Hal. **O retorno do real. A vanguarda no final do século XX.** 1^oed. São Paulo: Cosac naify, 2014. p. 221.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro - ensaios de sociosemiótica.** Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros - 2^o ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.215.